



DISSERTAÇÃO

ABRÃO, D. *A razão poética em Muitas vozes de Ferreira Gullar*. São José do Rio Preto, IBILCE-UNESP, Dissertação de Mestrado, 2001.

Grande parte da literatura e da crítica literária do séc. XX ressalta as qualidades de um texto autônomo que, sabemos, embora seja fruto de uma subjetividade, dela emana e se desgarrá para se transformar em palavras autônomas, distantes do corpo e de uma mundaneidade do sujeito que as produziu, numa existência simbólica sem dívidas para com o mundo da vida, sendo uma organização conjuntural de signos tramados em estratégias discursivas cerebrais independentes, que partem do cálculo, da medição e de uma linhagem estruturada e desestruturada da tradição. Não raras vezes, entretanto, o diálogo textual da produção literária com tal perfil, tentando desligar-se da realidade objetiva da experiência, acontece demasiadamente no interior de procedimentos estéticos desgastados, aproximando as formas literárias do que seria o novo de fórmulas estéticas prontas - embora estas ainda sejam consideradas modernas -, evidenciando que o que seria um fenômeno exclusivo e abstrato da linguagem já tem um nome, uma data, uma cor, uma origem instaurada fora da obra pretensamente moderna ou inovadora. Para tal moderno definido acima, Ferreira Gullar denominou “subdesenvolvido”, mas não é difícil imaginar os motivos da defesa de um texto autônomo, apontadas, em outros locais, pela própria crítica: recusa história do lirismo biográfico dos românticos, distanciamento modernista em relação aos parnasianos, ascensão do instrumental crítico estruturalista, sinal tecnicista dos tempos de uma barbárie, etc.

Do crítico realizando a análise revela-se o poeta. Ferreira Gullar concebe sua poética ligada à experiência de vida, às percepções, aos acontecimentos do corpo, às sensações, à realidade objetiva próxima. Sua obra, nascida no diálogo com o movimento concretista, já desde cedo abandona a proposta. Recusa o que chama de “poesia matemática”, cerebralista, de construção racional e controlada para, ao contrário, preconizar no poema o que chamou de experiência fenomenológica, ou seja, imagina uma poesia em que a linguagem, a forma literária, nasce com o próprio poema. Defende uma linguagem que não tivesse passado e que fosse a essência do que estivesse experimentando no exato instante da escritura. Tal projeto logo se constata impossível, mas fica marcada a partir daí a tônica de seu processo: a busca. Logo o poeta descobre que no poema a linguagem não nasce, porém se transfigura, pois a linguagem inevitavelmente é passado, e o poeta terá que emaranhar o passado das formas

estéticas com uma escrita presentificada e instauradora. Assim, elabora uma obra, já desde *A luta Corporal*, entre a destruição e o erguimento, ou seja, entre o delírio e a contenção das palavras, constituindo-se, numa primeira fase, em rupturas sintáticas, semânticas, potencializações imagéticas e, numa fase posterior, numa alta elaboração formal, no entanto calcada na discursividade e na aproximação com a frase prosaica.

As marcas poéticas se seguiram. O poeta entra numa fase engajada politicamente, aproxima-se das lutas e derrotas da sociedade de seu tempo e sua poesia, cada vez mais, tem a marca do homem em sua ação cotidiana, do jornalista, do crítico de arte, do militante, enfim, da experiência por que passa o sujeito-cidadão Ferreira Gullar. Saindo da fase engajada, que dura cerca de dois anos e que, infelizmente, rotula o poeta em sua recepção no Brasil, a poesia de Gullar ganha outros contornos, outras faces, mas todas elas ainda marcadas pelas questões iniciais: a experiência da realidade objetiva, o tempo presente único, o espaço próximo e o acontecimento dos sentidos.

A partir da presença marcante da concepção da experiência, entrevemos algumas direções, sentidos e o modo de entender o poético de Ferreira Gullar. Para o poeta maranhense a poesia é “para a vida ou para morte”, o que tem o seguinte valor: o poema nasce de uma necessidade existencial, de uma solicitação do momento vivido. O próprio poeta tem os nomes para o fato. Para o primeiro caso, considera sua poesia como “poesia necessária”, advinda, para o segundo caso, de um “espanto no instante”. Gullar toma o poema e a linguagem como mais uma experiência e não meramente como representação da vida. Neste sentido, a poesia, para o poeta, quer “afirmar a permanência dentro da morte”. É uma poesia entranhada em sua perspectiva de vida, relacionável com seu modo de conceber o mundo, que acompanha em justa posição suas idéias sobre os fatos, a vida, a morte, os acontecimentos ao redor, tanto quanto é uma poesia que estabelece um estatuto de conhecimento paralelo aos aprendizados conceituais, estéticos, históricos, sociais, filosóficos, etc., sendo o poema não simplesmente uma “construção discursiva racional”, mas um modo particular em que a razão concebe o mundo esteticamente, afirmando a presença de uma razão que não abre mão do precário, dos limites do corpo e da linguagem transfigurada no poema como forma de aquisição do conhecimento e da apreensão do mundo. É neste sentido que estudaremos a presença de uma *razão poética* em Gullar, de como a linguagem é, ela mesma, experiência, de como acontece nos poemas um

conhecimento em direção a uma verdade pessoal e de como tal verdade tem sua concepção singularizada quando ligada à razão *poética*.

Muitas Vozes, seu último livro de poemas, distante cinquenta anos das concepções iniciais, ainda carrega toda essa problemática. A Voz do poeta é um misto de vozes das ruas, da memória de poemas lidos, de ecos de coisas, dos fenômenos que, num relance, em que se torna denso o banal, o poema inicia. Mas a experiência do instante não marca definitivamente o poema, senão introduz uma problemática: a linguagem. A linguagem é o local da experiência, mas esta não é negada por aquela, pelo contrário, a poética de Gullar concebe a linguagem como um exercício de superação da experiência, mas dela necessita constantemente, pois o poeta concebe o poema numa relação de conexão com o mundo concreto, prosaico e pretender construir um poema de elementos puramente poéticos seria eliminar o processo dialético de transfiguração das palavras. Assim, há um constante trabalho e uma constante incompletude, tensão nunca negada e evidenciada na experiência poética do fenômeno do instante. Desta forma, entre a experiência do sujeito e o sujeito da linguagem, o poema traz as “muitas vozes” do mundo em sua voz.

A transfiguração poética, portanto, concebida numa “poética do necessário”, terá a direção de impor novos sentidos e novos valores que emanam do poema, sendo um modo de conhecimento estético de uma razão poética. Inicialmente o trabalho estuda a noção diferencial entre uma razão conceptual e uma razão poética. Enquanto a razão conceptual é construída discursivamente, por intermédio de concatenação de conceitos comprovados, a razão poética aproxima-se da intuição e do jogo de formas, instaurando-se contingentemente, na situação. É, portanto, transitória, disseminatória e válida somente para o instante, necessitando ser criada a todo o momento e inaugurada a cada situação, a cada poema. A noção de uma verdade poética, neste sentido, terá também a marca situacional, erigindo-se e abalando-se no poema. A nomeação, neste sentido, terá um papel fundamental. Sendo o compromisso do poeta com a verdade, gerada através da superação das formas, a nomeação tem o papel de fundar o permanente em meio ao precário e, aqui, o instrumental crítico heideggeriano propõe, na mesma direção, que a nomeação traz o Ser à palavra que o funda, ou seja, a nomeação leva uma coisa a ser coisa, além da simples dimensão meramente representativa da linguagem. Palavras e coisas nascem juntas, visto que a poesia é a fundação do Ser na e pela palavra.

A partir do exposto a abordagem passa a estudar a questão do instante enquanto acontecimento dos sentidos, mas também enquanto simbologia de aproximações e singularizações: do mundo, da verdade, da razão, das palavras no poema. Em *Muitas Vozes* entrevemos temas e procedimentos que giram em torno ao instante, como a simbologia do *fogo*, traço da fulguração dos sentidos no espanto do instante; a *simultaneidade*, elemento que “traz o mundo ao poema” pela aproximação de tempos e espaços distantes. Desta feita, a voz do poema entrelaçada a outras vozes traz a fala coloquial transmutada e reorganizada no poema, introduzindo o mundo cotidiano no verso prosaico e vice-versa. Com a aproximação do mundo, a fundação de uma verdade será um acontecimento do corpo, que se torna um limite imposto ao espanto no instante, mas também um elemento de incompletude que pede sua eterna superação pela linguagem.

Posteriormente, em se tratando de uma poética que cria uma outra razão e concepção de mundo, distingue-se a noção de voz (com inicial minúscula) e Voz (com inicial maiúscula). Retomando a crítica do logocentrismo ocidental realizada por Jacques Derrida, identificaremos a voz dos conceitos consolidados, anteriores à transfiguração poética, com uma voz autoritária, que impõe uma verdade e um tipo determinado de razão perene. Paralelamente, identificaremos as tensões lingüísticas, estéticas, experimentais da poesia com uma Voz do poema presente em *Muitas Vozes*, possuidora de uma verdade situada e contingencial em que uma razão poética se instaura em busca de uma afirmação ainda que tal afirmação seja constantemente atravessada pela transitoriedade.